Desobedecer a Maquiavel

Por **CHRISTIAN DUNKER***

Enquanto não assumirmos nossa própria ilusão inclusiva esqueceremos que há sempre um centro na periferia e uma periferia no centro

Para Maquiavel a arte da política depende da *Virtu* e da *Fortuna*, ou seja, da *Virtude* como método para obtenção e manutenção do poder, pelas razões mais eficazes e sem consideração por valor intrínsecos, mas também, da *Fortuna*, como acaso ou indeterminação que inverte vantagens e desvantagens conforme o acaso. A Roda da Fortuna inspira-se na alegoria grega das três Moiras ou Parcas, filhas de Nix, o deus da noite e da escuridão. Elas, juntas, teciam o destino humano. *Laquésis* puxava o quinhão de algodão que seria destinado a cada um, *Cloto* segurava o fio estendendo o até a roca de fiar e Á*tropos* cortava o fio determinando o fim da vida.

Se o mestre florentino fosse conselheiro de Bolsonaro ou se este fosse um dos Médicis (não vale Garrastazu), a situação seria de fácil leitura. Eleito pelo método da produção de inimigos, pela mobilização do ódio e pela exploração da anti-política ele praticou com destreza a empunhadura do medo. Menos esperado foi a extensão imediata da retórica de campanha em prática de governo: devasta ambientes, reduz de 9 para 1 bilhão o investimento em ciência e tecnologia, asfixia educação e saúde, ameaça servidores públicos e o STF, sem entregar uma vírgula a mais de pão e circo (exceto a paródia involuntária de si mesmo). A curva descendente da popularidade seguia o previsto. Com a interiorização da paranoia, Moro, Santos Cruz e Mandetta confirmavam o cenário de entropia interna. Sua impopularidade externa, junto com o declínio de Trump, começou a pressioná-lo no cenário internacional. Finalmente a vida real da inflação, do desemprego e da pauperização da população, que aplaudia de pé a retirada de direitos trabalhistas e previdenciários, começou a esticar a corda de *Cloto* por onde já se antevia o cadafalso, entre panelas e impeachments, de um governo tão errático.

Desobedecer a Maquiavel é coisa para corajosos. Até aqui Bolsonaro, reprovado nesta virtude, desrespeitava a ideia elementar de que ganhar um principado é diferente de mantê-lo e governá-lo. Portanto, parecia razoável a estratégia sem estrategista levada a cabo pelo campo progressista, de deixar Átropos fazer seu serviço, já que o quinhão de algodão é pequeno e de segunda categoria e que o fio da paciência brasileira é conhecido por sua baixa elasticidade. Ademais, a retórica do silêncio e da esquiva é perfeitamente funcional para reduzir a parceria imaginária que o discurso do ódio precisa para se manter. Deixado à sua própria sorte, a "natureza" se encarregaria de marcar o governo, e *Átropos* faria o corte final, depois de tantas auto-crises voluntárias fossem, gradualmente, contabilizados como desordem, corrupção e ineficiência. O ponto crítico aqui era Guedes e o Teto de Gastos: uma equação quadrática digna de Fermat.

Isso significaria deixar o anti-petismo ser varrido pelo tempo e que a crítica da esquerda fosse feita pela própria dialética da realidade. O que de certa forma começou a funcionar: a verdade sobre o caso Lula emergiu pela *Intercept*, depois se confirmou juridicamente. Laranjais, Rachadinhas e Milícias Associadas começaram a transparecer a anágua impura do bolsonarismo. Não tínhamos apenas um governo tutelado pelos militares, mas também uma separação gradual entre o personagem Bolsonaro e o discurso bolsonarista. Enquanto o primeiro rugia impropérios e dissolvia partidos, o segundo usava a anomia, assim criada, para passar a boiada, a bíblia e a bala. *Laquesis* foi tirando gradualmente do saco sem fundo, ou da cueca sem fundo, o punhado de algodão que nos qual era o estofo real do bolsonarismo.

Neste ponto mudamos dos gregos para o universo cristão do destino. A Roda da Fortuna, carta X do Tarot, na versão de Marselha, é uma releitura das Moiras, mas acrescentando duas figuras híbridas, em cima a de uma espécie de anjo caído, louco ou diabo, que como uma esfinge, empunha uma espada, quase a dizer: "*será difícil tomar meu lugar no ápice da fama*

© 2025 A Terra é Redonda. Todos direitos reservados. ISSN 3085-7120.

e da fortuna" (e aqui fortuna passa a designar dinheiro mesmo). As duas outras figuras são igualmente seres híbridos, como o *trikster*, xamã enganador, meio ser humano meio animal e que posicionam-se na parte de baixo e na mediana da Roda.

Pois a Roda da Fortuna girou no sentido imprevisto e veio a Covid-19. Com seu cortejo de mortes e incertezas o discurso bolsonarista optou pela gripezinha, "e *daí?"*, "*Sou especialista em matar*" e pela cloroquina. Rodrigo Maia, o mesmo da aprovação da reforma previdenciária, aprova o auxílio de 600,00 para as pessoas, contra o desejo explícito do governo. Tudo para dar errado. Mas entra aqui os auxiliares das três Parcas: *Tiquê*, o encontro fortuito do Real, *Ilícia*, (deusa dos auxílios e das ilicitudes), *Tânatos* (o deus da morte, com seu corpo de ferro e entranhas de bronze) e *Moros* (acredite, chama-se assim mesmo, este filho de Nix), deus do destino como fatalidade, com seus pés na terra e mãos nas estrelas, com suas flechas capazes de fazer voltar alguns *éons* na história da pessoa ou de fazer tudo retornar aos tempos do Caos. Ecoando o pouco valor da vida em situação povoada pela miséria, pela violência e pelo desamparo. A necropolítica ainda nos deve 150 mil vidas e uma das piores respostas mundiais em termos sanitários. Mas na boca do caixa a economia deu um baile popular no sanitarismo.

O Brasil sai artificialmente da linha da miséria. A popularidade de Bolsonaro vai de 18% a 66% nas grandes cidades. Descobre-se amado e popular, sente o gosto da aprovação rumo a 2022 e casa-se com o Centrão, herdando todo o dinheiro na cueca, bem como todas as potestades da corrupção da advocacia maior de Atibaia até o supremo Piauí. A esquerda descobre estarrecida que provas diretas de racismo, discriminação de gênero, de etnia ou de classe, capazes de cancelar qualquer um por décadas na Internet, não fazem a menor diferença no mundo Real. Que a defesa da violência e do extermínio, que a deseducação e a malandragem, que tudo o que puder ser dito de deselegante impróprio ou meramente tolo, não afeta a crença e a soberania do *Fake News*. A contradição entre ser eleito denunciando o Bolsa Família e crescer a popularidade praticando a Renda Mínima (usurpando a autoria de Eduardo Suplicy) não é suficiente, nem mesmo quando repisada impiedosamente pela própria Rede Globo. Sua aura torna-se imune a defecções internas e denúncias. O mito torna-se realidade.

Não basta mais para o campo progressista manter-se na hipótese de que Bolsonaro se auto-dissolverá em éter e irá embora de volta para de onde veio, sem que se saiba muito bem como de lá saiu. Será preciso desfazer na prática o sistema de ilusões que assim se realizou. Sim, a Roda da Fortuna pode girar de novo, como parece acontecer nos Estados Unidos. Mas enquanto a fortuna não muda é preciso voltar à virtude política. E é preciso fazer isso já nestas eleições municipais.

Para isso seria necessário mudar a percepção de que a esquerda odeia o dinheiro, que ela se ocupa apenas de parasitar o Estado, e que não possui uma retórica do desenvolvimento, coletivo e individual, que reconheça e sancione o desejo mais comum de prosperar na vida. Está por se criar o antítodo discursivo ao neopentecostalismo dispensionalista de resultados, fonte e origem do novo fundamentalismo religioso brasileiro. 270 mil obreiros acompanham diariamente o dinheiro irrastreável do dízimo mudar de mão em mão, da Igreja Universal. Enquanto isso tratamos o camelô empobrecido como um empresário capitalista em potencial.

Freud dizia que as religiões são ilusões. Isso é bem menos crítico do que parece, pois ele entende que as ilusões, ao contrário dos erros e das falsidades tem uma função muito importante na vida psíquica. Elas criam futuros em que não há futuro, elas engendram passados onde só há esquecimento, elas são o espírito de um mundo sem espírito. A ciência e o esclarecimento são importantes, mas eles nem sempre acertam o núcleo de crenças de nossas ilusões. Isso acontece porque ambos não podem oferecer grande coisa em troca. Em vez de um mundo guiado pelas conspirações e planos malignos teríamos apenas uma incerteza real e objetiva. Vimos isso derreter quarentenas, máscaras e métodos sanitários. Vimos isso criar um manto de esquecimento sobre benefícios educacionais, cotas e todo o sistema de inclusão dura e precariamente construído antes. A flecha de *Moros* apaga o passado e reescreve o futuro. A violência policial e a promessa de tornar-se um micro empreendedor, entregando a marmita gourmet alheia.

Dois aspectos parecem decisivos quando se trata de desativar ilusões. O primeiro é admitir que ainda que delirantes, tais ilusões são ilações de desejo, carregam consigo, portanto, algumas gramas de verdade. O segundo diz respeito a segmentar uma crença genérica em uma série de crenças parciais e componentes. Muitos dirão que há exageros e equívocos no discurso bolsonarista, mas no conjunto ele teria que ser confrontado com uma alternativa melhor, em termos de desejo, para poder ser derrotado. Isso não será feito se a nossa paisagem de afetos for a culpa e a denúncia, como parece ser o caso, pelo menos quando olhamos para a paisagem digital da esquerda.

A maior parte da população se sentirá insultada quando confrontada com a hipótese de que é privilegiada, que ela está ainda mais endividada, moralmente, do que seus crediários em atrasos fazem crer. Em decorrência de sua insuficiente

© 2025 A Terra é Redonda. Todos direitos reservados. ISSN 3085-7120.

purificação dobrará a direita, onde a pureza de alma, pelo menos dá mostras reais de austeridade comportamental cotidiana. Uma esquerda que se queira realmente popular deve renunciar à sua atitude de educadora dos povos e condutora arrogante das luzes. Ainda que ela assim pense (e é possível que todos pensem assim) deveria tomar cuidado com as aparências.

Por isso, a virtude política que nos falta não é apenas união ou fragmentação de forças, mas a radicalização de propósitos. Uma das ideias mais interessante e mais bem realizadas da era Lula é a ideia de inclusão. Inclusão nas escolas, inclusão alimentar, inclusão dos sem-terra e dos sem-teto. Inclusão é o primeiro passo para a cidadania. É por isso também que Bolsonaro se elege com um discurso, cuja eficácia não conseguimos entender, baseada na *exclusão*, na democracia customizada para poucos, na democracia de condomínio. Mas assim com no afeto da culpa, aqui também a esquerda parece dar as mãos para a direita e continua a se pensar como um sistema de radicalizações tendente à solidão. Enquanto entendermos a luta de classe como ressentimento de classe permanecemos excluíntes. Enquanto caçamos elites insistimos na exclusão. Enquanto não assumirmos nossa própria ilusão inclusiva esqueceremos que há sempre um centro na periferia e uma periferia no centro. Essa é no fundo, a diferença decisiva, entre populismo de esquerda e de direita.

Precisamos de um campo progressista radicalmente inclusivo, que seja capaz de acolher e tornar produtivas suas diferenças, que são enormes quando vistas de perto, mas que deveriam ser mínimas quando vistas pelo telescópio invertido do bolsonarismo. Isso é claro, nos levará de volta ao sintoma não resolvido do lulo-petismo, a saber: *o que significa uma aliança?* E os sintomas são assim, voltam e se reptem até que nós os escutemos em toda a sua extensão e verdade.

***Christian Dunker** *é professor titular do Instituto de Psicologia da USP. Autor, entre outros livros, de* Litorais do patológico *(Nversos).*

Publicado originalmente no portal *Carta Maior*.

A Terra é Redonda

© 2025 A Terra é Redonda. Todos direitos reservados. ISSN 3085-7120.